



ENTRE A CRÔNICA E A POESIA, OS QUINTAIS DE ERNESTO LARA FILHO

BETWEEN CHRONICLE AND POETRY, THE BACKYARDS OF ERNESTO LARA FILHO

Dra. Andrea Cristina Muraro¹

RESUMO: Na obra do poeta angolano Ernesto Lara Filho, a representação literária da cidade de Benguela é privilegiada, bem como a infância e seu espaço de evocação: o quintal. Em virtude disso, neste texto, observa-se seu projeto estético, a saber: peculiaridades da biografia do autor e intertextos, filiados ao macro-sistema de literaturas de língua portuguesa.

PALAVRAS-CHAVE: Ernesto Lara Filho; espaço; infância; literatura angolana

ABSTRACT: *In the work of the Angolan poet Ernesto Lara Filho, literary representation of Benguela is privileged, as well as childhood and his space of evocation: the backyard. As a result, we will observe in this text his design aesthetic, namely: peculiarities of the author's biography and intertexts, coupled with the macrosystem of literatures in Portuguese.*

KEYWORDS: *Ernesto Lara Filho; space; childhood; Angolan literature*

Carlos Ervedosa no seu *Roteiro da literatura angolana* (1979, p. 81) conta-nos algo sobre os escritores de Benguela:

Além de Luanda, só mais um centro populacional nos daria, até agora, contributo valioso para uma literatura de feição angolana. Foi a plurissecular cidade de Benguela, irmã gêmea de Luanda, onde, no contacto prolongado de duas etnias, se criaram as condições para uma literatura diferenciada, reflexo da sociedade típica que lhe deu origem.

Desde o início da literatura angolana ainda no século XIX, esse contato vem sendo amplamente representado, na encenação do local em que os escravos vindos do mato ficavam à espera de serem embarcados pelo tráfico, por exemplo; configurando-se como um espaço significativo das relações e tensões, em um primeiro momento, comerciais, como narrou Pepetela em *Yaka*, por exemplo.

¹ Profa. Adjunta de Lit. Africanas em Língua Portuguesa/ UNILAB.Pós-Doutoranda em Estudos Comparados de Lit. em Língua Portuguesa /USP. a.c.muraro@gmail.com. muraro@unilab.edu.br

Ou um pouco mais adiante, ao início do século XX, como demonstra Alfredo Margarido (1980, p. 396-7) em algumas de suas notas:

Os africanos indistintos, de que só conhecemos a origem e a profissão, estão instalados nos quintais, nunca em casas. Estas são reservadas aos brancos, ou aos mestiços, ou ainda aos africanos integrados no sistema de valores brancos. [...] Quer dizer que os africanos se encontram encerrados num espaço fechado, o quintal, que é, todavia, uma parte da natureza, pois não existe nenhuma cobertura, associando este grupo aos valores naturais. O quintal é assim vizinho da civilização, mas não ainda civilização [...] O que, na lógica do romance, se pode compreender como uma oposição nítida entre os 'homens da natureza', carregadores, serventes e agricultores, e os 'homens fora da natureza', que são essencialmente comerciantes, proprietários e membros da administração.

No entanto, aqui me restrinjo a pensar um pouco sobre Benguela através de uma breve leitura de poemas escritos entre 1959 e 1960, da obra *Picada de marimbondo*², de Ernesto Lara Filho.

Poeta benguelense, nascido em 1932 e falecido em 1977, foi cronista ativo entre as décadas de 50 e 60, tendo vivido na infância no Huambo e no Lubango, além de Benguela. Concomitantemente, durante certo tempo, também exerceu a função de regente agrícola, o que o fará aprimorar um olhar crítico sobre as condições em que viveram não só as populações de Angola e de outros lugares onde esteve a trabalhar.

É produzindo crônicas para os principais jornais, da então província de Angola, que Lara Filho dá contorno ao seu projeto literário, cuja característica centra-se marcadamente por uma militância cotidiana, pode-se dizer *a conta gotas*. Em cada crônica publicada, fez-se urgente o que logo viria a culminar no fevereiro de 1961, com o início da luta de libertação nacional. Fato ocorrido, quando Lara Filho partia mais uma vez para o Huambo. Mais tarde em 1962, diante das perseguições da polícia política, foi para o exílio na Europa. Seu saudosismo, como se vê mais adiante, não será apenas temperado pelo tempo, mas também pela diáspora.

Na palestra *Subsídios para o estudo da poesia angolana*, de 1964 (cf. FARIA, 2002, p. 119-128), ele mesmo lembra a convivência e a leitura de outros poetas angolanos, tais como Alexandre Dáskalos, Agostinho Neto, Mário António, António Jacinto e sua própria irmã Alda Lara. Em crônica e poesia sua, há sempre o desejo expresso de um nacionalismo inadiável, o que o coloca sob o signo da censura, já que várias vezes foi exonerado tanto do jornalismo quanto da função de regente agrícola, por se opor aos desmandos do colonialismo português e, por isso, ser voz discordante do sistema vigente. Aliás, sempre foi sua peculiaridade – não se alinhar. Os que o conheceram mais proximamente o sabiam: Lara Filho não se ajustava. Sua passagem pela Rádio Brazaville, por exemplo, é assim descrita por David Mestre:

a urgência do viajante de utopias seduzido pelo protagonismo da História, acabou por descambar no regresso ao país pela porta do cavalo [...] desiludido e amargurado. Irremediavelmente para trás ficava a miragem da luta política organizada, onde não poderia naturalmente caber a sua incontornável inquietude radical. (1994, s.p.)

Sua estada entre 1959 e 1960 em Portugal, como também o foi em Paris e Bruxelas, o fará retornar a Angola como um jornalista popular e de olhar apurado, por isso houve momentos em que apenas a

² *Picada de marimbondo* é publicado em 1961; *O canto de martrindinde e outros poemas feitos no putu* em 1964; *Seripipi na gaiola* em 1970. *O canto de martrindinde*, com primeira edição de 1974, é uma compilação das três obras anteriores. As datas ao fim dos excertos referem-se ao volume da Biblioteca de Literatura Angolana publicada em 2004 e também ao estudo de António Faria (2002), que traz um apêndice documental com a primeira versão de 1964, entre outros textos. Agradeço ao Francisco Soares, pela gentileza, de me fornecer o mimeo de David Mestre, também citado ao longo do texto, bem como ao Luiz Maria Veiga e Aline Molina pelos demais livros.



menção de seu nome, no pregão dos ardinias, fazia jornais venderem. Entretanto, no percurso de sua experiência, a figura do “boémio e declamador de subúrbio” não era bem-vista em meio ao calor das utopias revolucionárias. Até que chegaria um momento, logo depois da independência, que quase ninguém mais se importaria com seu *romantismo revolucionário*.

Saber do nascimento de uma criança, filha de gente amiga. Pôr gindungo no bife. [...] Soltar passarinho de gaiola. Sentar em banco de bimba ao quintal do amigo. Ensinar menino a ler e a escrever. [...] Atravessar o Cunene, o Lucala, o Quanza de canoa [...] Escrever isto. (1994, s.p.)

Eram ações efetivas e afetivas tanto de sua radicalidade, quanto de sua humanidade. “Plantar mangueiras na lua” (FARIA, p.152) era demais para um tempo de discursos e polarizações.

Ao lado disso, e por isso mesmo, o poeta em construção tirava da matéria jornalística alimento para uma poesia de profundo saudosismo, tema este que perpassa uma de suas crônicas publicadas no *Jornal de Angola*:

Senhor de muitos anos – apesar de só ter vinte e oito – eis aí o meu território, onde eu mando é no país-do-tempo-que-foi. Porque eu fui muito feliz, fui tanto feliz que ando sempre com a saudade de outros tempos roendo dentro de mim. Fui menino feliz de calções curtos e comandante de castelos, capitão de muitas equipas de futebol. Fui menino de fisga no bolso, capitão de assaltos a quintais e rei de um reino que nunca mais possuí. Que perdi nas dramáticas batalhas da vida (...) passado, esse é meu, doentamente triste, tristemente alegre para mim. É o meu ópio, a minha liamba, esta recordação permanente, esta saudade ingente que me magoa [...]. Não me critique por eu ser saudosista. Compreenda como eu não quero viver o vosso tempo, porque não presta, porque é um tempo em que os homens como eu não são classificados por aquilo que valem [...]

(LARA. Ano 8, Luanda, 24/12/1960, n.92, p.20)

Se por um lado, há uma maturidade por conta das experiências acumuladas nos dois ofícios e nas dificuldades, principalmente financeiras, que encontrou ao tentar concluir a graduação na Europa, há por outro, a saudade de Benguela, cingida particularmente ao espaço do quintal, tantas vezes privilegiado em seus versos e depositário da evocação de infância, também, palco das relações sócio-históricas e dos avanços da urbanidade, como se pode verificar em “Regresso”, dirigido à irmã Alda Lara:

Um dia
quando voltares,
não mais encontrarás à tua espera
a nossa casinha de adobe
da rua principal.

Quando voltares
da Europa, irmã,
hás-de ver ainda
como a cidade mudou...

(Lembras-te das promessas
que fizemos?)

[...]

Quando voltares
não mais encontrarás poesia
no quintalão do Zé Guerra
agora transformado
atravessado
assassinado
por uma avenida transversal.

Quando voltares
 só terás
 como deixaste
 o Mercado Municipal.
 [...]
 “Lembras-te da palmeira
 do quintal?
 Foi abaixo com duas machadadas
 no tronco...”

Um dia,
 quando voltares,
 não mais encontrarás
 a Benguela que conheceste
 menina ainda
 e que aprendeste a amar.
 [...] (1959)

(LARA, 2004, p. 73-74)

Poeta atento às transformações da cidade de Benguela, bem como das localidades do planalto sul, Lara Filho não deixa de lançar mão de duas advertências a sua interlocutora: uma primeira, a de que outros tempos e espaços, vistos na ênfase com que repete o verbo “voltar”, irá encontrar a paisagem de suas recordações agora dilacerada por uma avenida que, ao seu ver, macula um quintal e fez tombar uma palmeira; e uma segunda advertência, não explícita, mas que não deixa de ser um prenúncio de como a irmã também retornará mudada pela Europa, mais exatamente da metrópole portuguesa. Portanto, se há cidades que se contrapõem a Benguela em meio aos seus poemas, com certeza, ela está inscrita pela palavra “Europa”; entretanto, como sabemos, poderiam ser quaisquer das cidades para onde iam estudar os angolanos (Lisboa, Coimbra, Porto...). E não necessariamente Luanda, como disse Ervedosa, pelo menos no que diz respeito à crônica e à poesia de Lara Filho.

Pai
 Porque me mandaste para a Europa estudar?
 Não sabias que eu havia de sangrar de saudade?
 E eram as tuas cartas
 E eram as minhas recordações de menino de bicicleta da
 [Praia
 menino-capitão dos assaltos às hortas do Cavaco
 menino-passeador até ao Chinducuto
 fugindo do Colégio nas calçadas europeias
 (LARA, p.157)

Aliás, o excerto desse poema “Infância”, datado de Paris, 1962, é um exemplo cabal do projeto de Lara Filho: publicado em 1964 e parte da obra *O canto de martrindinde e outros poemas feitos no Puto*, tem dedicatória (para Alda Lara, Lúcio Lara – da Fazenda Aurora - e um revelador “aos donos do Terceiro Mundo”, entre outros), junto de epígrafes de Cervantes (*Libre naci y en libertad me fundo*) e Fernando Pessoa (*Há duas espécies de poetas... A terceira apenas pensa ou sente, e não escreve versos, sendo por isso que não existe*). E ainda, “à guisa de prefácio”, “uma página de Frantz Fanon”, a conhecida passagem d’*Os condenados da terra*, em que este adverte sobre o “intelectual colonizado” e anuncia:

Literatura de combate, literatura revolucionária, literatura nacional. No decorrer desta fase um grande número de homens e mulheres que antes não teriam sonhado fazer uma obra literária, agora que se encontram colocados em situações excepcionais, na prisão, no maquis ou na véspera da sua execução experimentam a necessidade de escrever sua nação (*apud*: FÁRIA, 1994, p. 120-134)



Tais dados extraliterários, infelizmente obliterados de edições posteriores, atestam um tanto o que venho tentando desenhar acerca, não só do projeto particularíssimo de “nação” para Lara Filho, mas também da experiência e da História ao redor dos seus escritos.

*

Feita esta contextualização, destaco alguns dos versos de “A casa da velha”, de 1959:

A casa da velha Rosa
fica à entrada do bairro
mesmo ao fundo da rua.

No barro da estrada
há sempre uma criança
negra
que brinca
nua.

Em volta do cercado
que serve de quintal
junto com o muro de adobe
há mandioca e feijão
plantados
sem defesa contra a erosão.

(LARA, 2004, p. 69)

É de se notar a concisão e a linguagem límpida, embora coloquial, que relaciona duas cenas cotidianas (a criança negra que brinca nua no barro e a subsistência vinda do quintal), marcando o corpo do poema com estratégia de cronista, que não só descreve o espaço interno e externo da casa, todavia coloca em evidência as personagens (a velha e o menino) através de pequenas ações (brincar e plantar).

Ainda sobre a linguagem que muitas vezes assume a repetição como marca de oralidade, o trabalho do poeta e do regente agrícola fundem-se em diversos poemas a elementos da geografia, da zoologia e da botânica. Assim, pássaros e plantas são evocados em tempo presente, como em “Maracujá”, também de 1959:

Juro por Deus que nunca vi
coisa mais linda no mundo
do que a flor violeta
do pé de maracujá
que eu plantei
na cerca do meu quintal.

Um dia
o maracujá
que eu plantei no meu quintal
cresceu
e floriu...

(LARA, 2004, p. 72)

Para o leitor das literaturas de língua portuguesa, ouvem-se, nesse poema, as ressonâncias de estruturas semânticas e sintáticas vindas do Brasil – um Rubem Braga (no seu “Um pé de milho”) ou ainda um Manuel Bandeira (em “Evocação do Recife”) –, dos quais Lara era leitor confesso.

A seguir, as passagens são partes das crônicas *Registro*, em *Notícia* (1960/1962):

Sou uma espécie de brasileiro. Um angolano, nascido em Benguela, filho de pais minhoto. Um português de Angola, que conhece melhor Érico Veríssimo [...] do que Eça de Queiroz [...]. // Sou um angolano capaz de sentir o Brasil, capaz de recitar de cor um poema de Manuel Bandeira [...]. (1990, p.61)

Não só de recitar de cor, a independência *sintática* brasileira sempre deu lições de riso solto ao cronista-poeta, o suficiente para incorporar uma *paráfrase* do poema de Manuel Bandeira em uma de suas crônicas:

A estrela da manhã

Eu quero a estrela da manhã
Onde está a estrela da manhã
Meus amigos, meus inimigos
Procurem pela estrela da manhã.

Ela desapareceu, ia nua.
Desapareceu com quem?
Procurem por toda a parte.

O agente da passiva

Eu quero o agente da passiva
Onde está o agente da passiva?
Meus amigos, meus inimigos
Procurem o agente da passiva.

Ele desapareceu, ia nu
Desapareceu com quem?
Procurem por toda parte.

(1990, p. 60)

Na crônica 2, por ocasião da fundação de Brasília, encontra-se mais de sua geografia literário-afetiva:

Raquel de Queiroz e Nelson Rodrigues, esses tratamo-los como tu. São-nos familiares. Todo angolano, do Dirico a Cabinda, do Luso ao Lobito, lê o ‘Cruzeiro’, ri com as piadas de Millôr Fernandes [...] Esses afinal são nossos ídolos. Se pudéssemos votar, muitos de nós, angolanos de nascença, havíamos de ir às urnas depor o nosso voto nas próximas eleições brasileiras, pelo espetacular Jânio Quadros, o Jânio da ‘vassouras’ [...] Sabemos de cor frases como “O petróleo é nosso”. [...]

Não estranhem, pois, irmãos-do-mato brasileiros, que vos mande este modesto “azulejo para Brasília”. Na data da inauguração. É uma mensagem de amor, a carta do irmão caçula, o lamento vago do poeta. [...]

Lamento apenas, porque estando convosco cá longe, eu não pude estar presente em Brasília. Espiritualmente, estaremos sempre convosco. É uma espécie de filigrana, este amor de irmão-menino, que se desdobra através do Atlântico, vara Goiânia e estará presente na inauguração de Brasília, em modesto cacho, um ramo de flores de Buganvília, [...] um tufo de flores de goiabeira, brancas [...] como a neve dos cabelos dos nossos avós comuns.

Amo o Brasil. Um amor que não tem explicação. Aliás, em amor, nada se pode explicar. É uma paixão de branco pela mulata do engenho. É uma paixão de negra pelo branco do roçado.

Desculpem, amigos brasileiros, a modéstia desta oferenda. Pobre quando dá, a mais não é obrigado. Mando-vos esta mensagem, este *azulejo para Brasília*. Para colocarem numa Praça da cidade, numa Praça de Brasília. A praça de Angola. [...] Homenagem do irmão caçula ao candango de Brasília. Aos vossos “Joões-de-Barro”, aos carpinteiros do Brasil.

Isso que vos ofereço. Nesta data. Nesta hora. Azulejo de tons azuis, quase irreais, como o nosso, o vosso céu. Terá também um pouco de vermelho das queimadas de Angola, do escuro do nosso dendém. Do vosso dendém. Terá uns laivos de tristeza, de saudade pungentes de nossas letras de fado [...] Porque afinal, todos nós ajudamos o Brasil a crescer. Vai também um pouco do verde claro das nossas florestas. O perfume de nossas flores de café. Para colorir a vossa bandeira.

De tudo um pouco. Azulejo modesto aqui fica dedicado. Ao país que aprendi a conhecer através da música de Villa-Lobos, [...] dos romances de Jorge Amado, da pintura de Portinari, da arquitetura de Niemeyer [...]

Parabéns ao Brasil – o país que ainda não foi inaugurado – como costuma dizer Joracy Camargo! (p.61-63)

Em certos momentos, o leitor atento deve ter notado os *laivos* de um luso-tropicalismo freiriano. De fato, sim, há. Embora esse posicionamento tenha sido repensado por Lara Filho, assim como o fez com o seu catolicismo e a sua aversão ao comunismo. “A fórmula utilizada, nada inédita, tem antes a virtude de revelar as fundações de uma atitude radical perante a existência e a escrita, nas suas mais diversas manifestações”, como



bem disse David Mestre (1994, s.p.). Assim, a radicalidade está no constante *reformular* de ideias, do enfrentamento com os “ismos” de seu tempo; sem deixar de evocar a ação do verbo “amar”, um tanto esquecida ou/e não-prioritária nos tempos de luta armada, mas reiterada por ele, como lemos anteriormente.

Anotado o caráter, muitas vezes polêmico, dessas ressonâncias do Brasil, é preciso ir para outras dimensões do projeto de Lara Filho. Uma delas assume a permanência de um olhar voltado para o cotidiano na produção poética de Lara, como em “Infância Perdida”, de 1960, que considero o mais emblemático dos poemas da obra *Picada de marimondo*, não só por dialogar com dois outros poetas desse sistema literário, a saber: o poeta Aires e seu poema “Meu Amor da Rua Onze” e Agostinho Neto de *A sagrada esperança*.

A importância desse poema reside, sobretudo, no fato de os espaços elencados serem basicamente o corpo do poema e, por isso, assinalarem um mapa de Benguela, um mapa da infância, onde lá estão: a loja do Guimarães, o mercado de Benguela, a horta do Lima Gordo no Cavaco, a escola, as andanças de bicicleta, as traineiras na praia, o jogo de sueca embaixo da mandioqueira, Dona Mafalda – mãe de Miau – que trabalhava nos Correios, o Saldanha mulato jogador de futebol do Portugal e empregado do Banco, as casuarinas na Praia Morena, a melhor quissângua de Benguela era no bairro por detrás do Caminho-de-Ferro.

Espaços estes que o poeta transforma em quintal, todos os espaços ganham o tom da ternura perdida, porém sem deixar de ser reiteradamente reivindicada:

Era no tempo do visgo
que a gente punha na figueira brava
para apanhar bicos-de-lacre e seripipis
os passarinhos que bicavam as papaias do Ferreira Pires
que tinha aquele quintalão grande e gostava de meninos.

Era no tempo dos doces de ginguba com açúcar
[...]

(LARA, 2004, p. 80)

Vê-se, na inclusão das vozes do passado, uma certa oralidade na construção sintática de forma singular, todavia representativa do plural: “a gente”; o amigo Edelfride, de apelido Miau no futebol, assemelha-se a um mesmo ser, o poeta e o menino atrelados pela memória.

Desta forma, a vivificação da memória do poeta é marcada temporalmente por aquilo que é natural: *o tempo do visgo, o tempo dos tamarineiros em flor*, portanto, um tempo que se relaciona ao que Alfredo Margarido explicava ao se iniciar este texto - um tempo sem calendário, o tempo da natureza. Além de ser simultaneamente o tempo doce da infância, do amendoim com açúcar.

Contudo, ressalto que é a Europa que o tira do conforto sereno da infância:

Foi então que a vida me levou para longe de ti:
partí para estudar na Europa
mas nunca mais lhe esqueci, Edelfride,
meu companheiro mulato dos bancos de escola
porque tu me ensinaste a fazer bola de meia
cheia de chipipa de mafumeira
Tu me ensinaste a compreender e a amar
os negros velhos do Bairro Benfica
[...]

Diz a tua mãe
 que o menino branco
 um dia há-de voltar
 cheio de pobreza e saudade
 cheio de sofrimento
 quase destruído pela Europa.

Ele há-de voltar
 para se sentar à tua mesa
 e voltar a comer contigo e com teus irmãos
 e meus irmãos
 aquela moambada de domingo
 com quiabo e gengibre
 aquela moambada que nunca mais me esqueci
 nos longos domingos tristes e inverniais da Europa
 ou então
 aquele calulu de Dona Ema.

Diz a tua mãe, Edelfride,
 que ela ainda me há-de beijar como fazia
 quando eu era menino
 branco
 bem tratado
 quando fugia da casa de meus Pais
 para ir repartir a minha riqueza
 com a vossa pobreza.
 Diz tudo isso a toda a gente
 que ainda se lembra de mim.

[...]

(LARA, 2004, p. 81-82)

Nessa passagem, é bastante evidente como o eu-lírico toma a casa de Edelfride e o Bairro Benfica como um seu “quintal”, no sentido de que encontra conforto e aprendizagem, também, nestes outros espaços do contato de duas etnias (como disse Ervedosa), embora a meu ver, este quintal alargado de sua própria casa seja construído, na sua maioria, em tensões binariamente sociais (mulato/branco, pobreza/bem-tratado; tua mãe/meu País, moambada de domingo/domingos inverniais, Europa/Benguela). Porém, não só tensões, há sinais de relação, como na construção “repartir a minha riqueza com a vossa pobreza” ou ainda em “com os teus irmãos e o meus irmãos”.

Embora haja um certo pessimismo no título (infância perdida) e um saudosismo premente (nos personagens destes quintalões), não há evasão. Para o eu-lírico, há a crença no dever, há apelo ao futuro nos versos finais:

Diz aos mulatos e brancos e negros
 que foram nossos companheiros de escola
 que te escrevo este poema
 chorando de saudade
 [...]
 de Esperança, de Esperança
 porque ela
 a Esperança
 (como dizia aquele nosso poeta
 que anda perdido nos longes da Europa)
 está na Esperança. Amigo.

(LARA, 2004, p. 82-83)



Entre a crônica e a poesia de Lara Filho, ficam aqui alguns esboços daquele cotidiano, marcado pela “picada” ardente do “marimbondo” e pela experiência que, quiçá, ainda esteja a zunir pelos quintais de Benguela e não só num país de um tempo que foi.

REFERÊNCIAS

ERVEDOSA, Carlos. *Roteiro da literatura angolana*. 2. ed. Luanda: UEA, 1979.

FARIA, António. *Obra ao branco*. Lisboa: Universitária Editora, 2002.

LARA FILHO, Ernesto. *Crônicas da roça gigante*. Prefácio Artur Queiroz. Porto: Afrontamento, 1990.

MARGARIDO, Alfredo. *Estudos sobre literaturas das nações africanas de língua portuguesa*. Lisboa: A regra do jogo, 1980.

MESTRE, David. “Levanta voo, Seripipi”. In: LARA FILHO, Ernesto. *Um seripipi angolano e outras histórias*. Luanda: s.e., 1994.

SANTOS, Aires de Almeida; LARA FILHO, Ernesto; CRUZ, Viriato da. *Obra poética*. Luanda: Maianga, 2004 (Biblioteca de Literatura Angolana).

Texto recebido em 31 de março de 2016 e aprovado em 24 de abril de 2016.